

GLOSSÁRIO DO CAFÉ: UM ESTUDO DO LÉXICO UTILIZADO NA CAFEICULTURA MINEIRA

Simone Dornelas de Carvalho (UFMG)
simonedornelascarvalho@gmail.com

RESUMO

Este trabalho visa apresentar um glossário de palavras utilizadas na produção cafeeira em dados mineiros. O *corpus* que oferece a base empírica para este estudo é constituído de 12 amostras de fala de moradores rurais de Luisburgo-MG. As entrevistas foram realizadas com falantes com idade igual ou superior a setenta anos; de ambos os sexos, nascidos e com permanência na localidade rural pesquisada; analfabetos ou com baixo grau de escolaridade e pertencentes à mesma rede social. Esses informantes possuem pequenas propriedades rurais e a gestão e o manejo da terra, para a produção do café, são compartilhados pela família. Neste estudo, leva-se em conta a estreita relação entre a língua, sociedade e cultura. Desse modo, este trabalho foi realizado à luz de pesquisas da Sociolinguística (J. MILROY; L. MILROY), da Lexicologia (BIDERMAN; SEABRA), da Lexicografia (BARBOSA, HAENSCH) e da Antropologia Linguística (DURANTI). O glossário produzido, a partir desses dados rurais, é constituído de 41 lexias que estão associadas às ações de cultivo da lavoura de café e às vivências desses moradores no meio rural.

Palavras-chave:

Glossário. Cafeicultura. Dados Rurais

1. Considerações iniciais

Este trabalho tem por objetivo apresentar um glossário de palavras utilizadas na cafeicultura de Luisburgo, município mineiro da Região Geográfica Intermediária de Juiz de Fora, que tem sua economia predominantemente voltada à produção cafeeira. Localizado em regiões montanhosas e de topografia irregular, está inserido em um conjunto de municípios produtores de café sob a denominação de “Região de Montanha”.

O *corpus* que oferece a base empírica para este estudo é constituído de 12 amostras de fala de moradores rurais acima de 70 anos. São produtores que possuem pequenas propriedades e nela moram com sua família, incluindo filhos casados e netos. Juntos, administram a produção cafeeira (cafeicultura familiar).

Para a realização do glossário, considerou-se o conceito de Barbosa (2001). A definição da autora é assim descrita: o glossário objetiva “ser representativo da situação lexical de um único texto manifestado em sua

especificidade léxico-semântica e semântico-sintática, numa situação de enunciação e de enunciado, numa situação de discurso exclusivas e bem determinadas”, nesse sentido, “a palavra, enquanto unidade-padrão do glossário, tem significado específico” (BARBOSA, 2001, p. 34-6).

Em sua composição, o glossário desses dados rurais é constituído de 41 lexias que abrangem variados campos lexicais que são significativos no falar desses moradores sobre a cultura cafeeira. Desse modo, busca-se apresentar um glossário com palavras de diferentes categorias sintáticas, agrupadas em diferentes campos lexicais associados às ações decultivo da lavoura de café e às vivências desses moradores no meio rural.

Este estudo se insere em um conjunto de pesquisas que consideram a estreita relação entre a língua e cultura, tendo como enfoque o léxico, tais como, Seabra (2004), Souza (2008), Ribeiro (2010), Freitas (2012), Cordeiro (2013), entre outros que buscam descrever a fala rural do português de Minas Gerais. Seguindo o suporte teórico-metodológico adotado nessas pesquisas, levaram-se em conta os trabalhos da Sociolinguística (J. Milroy, L. Milroy), da Lexicologia (Biderman, Seabra), da Lexicografia (Barbosa, Haensch) e da Antropologia Linguística (Duranti).

2. *Pressupostos teóricos*

2.1. *As relações entre léxico, sociedade e cultura*

A descrição do léxico de uma comunidade linguística é uma tarefa que deve compreender “a relação indissociável entre língua, cultura e léxico”. Esse sistema lexical é capaz de traduzir a experiência cultural acumulada ao longo do tempo e pode ser considerado como o patrimônio vocabular, pois armazena a história que é transmitida de geração a geração. De acordo com Biderman (2001, p. 179), “o sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades”. Com isso, “as mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares”. Assim, os falantes criam e conservam a língua e são os responsáveis em atribuir significações às palavras. Geram, portanto, a semântica da sua língua.

Segundo Abbade (2011, p. 1332), cada palavra selecionada pelo falante indica “as características sociais, econômicas, etárias, culturais de

quem a profere”. Ao se estudar o léxico de uma língua, é possível conhecer a história do povo que a utiliza. A autora expõe que

(...) a lexicologia enquanto ciência do léxico estuda as suas diversas relações com os outros sistemas da língua, e, sobretudo as relações internas do próprio léxico. Essa ciência abrange diversos domínios como a formação de palavras, a etimologia, a criação e importação de palavras, a estatística lexical, relacionando-se necessariamente com a fonologia, a morfologia, a sintaxe e em particular com a semântica. (ABBADE, 2011, p. 1332)

Corroborando essa questão, Costa (2012, p. 33) assinala que “estudar o universo lexical de um grupo significa analisar tanto suas características sociais, quanto culturais, ou seja, estudar o sujeito falante inserido em um contexto sócio-linguístico-cultural”.

Conforme Seabra (2015), o estudo da linguagem se apresenta como um recurso da cultura, um dos subcampos principais da antropologia. Nessa perspectiva, “adquirir uma linguagem significa fazer parte de uma tradição, compartilhar uma história e, portanto, ter acesso a uma memória coletiva, repleta de histórias, alusões, opiniões, receitas e outras coisas que nos fazem humanos”⁸² (DURANTI, 2000, p. 448 *apud* SEABRA, 2015, p. 65). Para Seabra,

(...) a língua se evidencia como parte da cultura de uma sociedade e que é através do sistema linguístico, mais especificamente do seu léxico, que os indivíduos se expressam e expressam seus valores, construindo a sua história, faz-se, pois, necessário estudar a língua inserida na cultura. (SEABRA, 2015, p. 73) (Tradução da autora)

Como se pode notar, a análise do léxico implica observar as características sociais e culturais do falante dentro de uma comunidade linguística. Dessa forma, o critério semântico é importante, uma vez que faz parte do tecido cultural desse indivíduo que atribui significações às palavras.

3. Aspectos histórico-culturais da região de Luisburgo

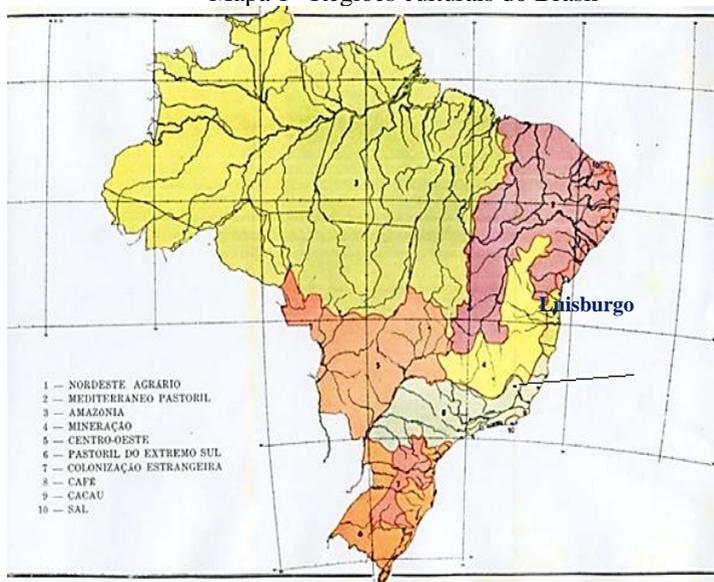
3.1. As regiões culturais do Brasil

¹ Original: “adquirir un lenguaje significa formar parte de una tradición, compartir una historia y, por tanto, tener acceso a una memoria colectiva, repleta de historias, alusiones, opiniones, recetas, y otras cosas que nos hacen humanos”. (DURANTI, 2000, p. 448)

A partir dos estudos de Seabra (2006) e Cordeiro (2013) que trabalham com as pesquisas de Diégues Jr. (1960), atentou-se para as regiões culturais do Brasil. Cada região, como assinala Cordeiro (2013, p. 42), “seria o espaço geográfico que é definido pelas características que os unem com relação às ideias, aos sentimentos, ao estilo de vida e ao grupo de pessoas do qual fazem parte”.

Segundo essa classificação proposta por Diégues Jr. (1960), no Brasil, há dez regiões culturais, a saber: Nordeste Agrário; Mediterrâneo Pastoril; Amazônia; Mineração; Centro-Oeste; Pastoril do Extremo Sul; Colonização Estrangeira; Café; Cacau e Sal.

Mapa 1 – Regiões culturais do Brasil



Fonte: DIÉGUES Jr., 1960, adaptado

Como se pode observar no Mapa 1, Luisburgo está inserido na região cultural do Café, que é o interesse deste estudo. Os estudos de Diégues Jr. (1960) descrevem a marcha do café ao longo dos séculos na região mineira. O autor destaca que, por volta de 1850 a 1860, com o *habitat* propício do café, o produto alcançou o território mineiro, na região da Zona da Mata de Minas Gerais, e “toda ela de encheu de cafezais; e a estrutura que

decorreu da nova situação condicionou-se à influência fluminense” (DIÉ-GUES Jr., 1960, p. 377). Ademais, explica que a grande força dos cafezais fluminenses se manteve superior à de São Paulo até quase a sétima década do século XIX.

3.2. As comunidades rurais de Luisburgo-MG

Em 1901, foi criado o distrito de São Luís, subordinado ao município de Manhuaçu-MG. O distrito teve o nome alterado para Luisburgo em 1923 e apenas em 1995 ocorreu sua emancipação político-administrativa. A população do município é pequena com 6.234 habitantes. Destes, 4.398 são residentes na zona rural e 1.836 são residentes na zona urbana. A economia do município é basicamente voltada para a agricultura cafeeira.

Devido à recente emancipação, os moradores de Luisburgo ainda mantêm uma relação de dependência com Manhuaçu. Luisburgo não possui infraestrutura autossuficiente: não há hospitais e agências bancárias. Lá, o comércio é formado basicamente por pequenas lojas de roupas, açougue, mercearias, padaria, lojas de material de construção e agropecuário e posto de combustível.

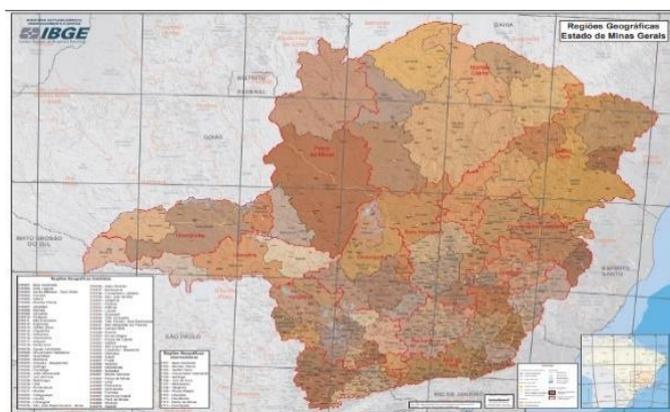
Por não verem oportunidade de melhoria, esses moradores rurais não se sentem ‘atraídos’ a migrar para a zona urbana, uma vez que não veem a oportunidade de melhoria econômica, incluindo a possibilidade de conseguir emprego, ao saírem do campo. Outro ponto a ser destacado sobre a permanência na zona rural, que se considera o mais importante, deve-se ao fato de esses moradores terem um sentimento arraigado à vida no campo: o amor ao cultivo da terra, a preservação dos costumes, a participação nas festividades (festas da igreja) e celebrações (casamentos e batizados), o espírito de solidariedade (os moradores auxiliam uns aos outros na colheita de café ou de outros grãos e na construção das moradias).

O município de Luisburgo está situado na Região Geográfica Intermediária de Juiz de Fora⁸³ do estado brasileiro de Minas Gerais (ver MAPA 2). Essa região “por suas características de relevo muito acidentado e, em decorrência, por suas semelhanças tecnológicas na condução da lavoura cafeeira, pode ser agrupada sob a denominação de Região de Montanha”

⁸³ Recentemente, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/2017), reorganizou as 12 Mesorregiões de Minas Gerais em 13 Regiões Geográficas Intermediárias. Nessa nova classificação, Luisburgo se localiza na Região Geográfica Intermediária de Juiz de Fora.

(RUFINO *et al.*, 2010, p. 9). Esses autores, ao caracterizarem a cafeicultura da Região de Montanha de Minas Gerais, explicam que os municípios dessa região são fortemente dependentes do desempenho da atividade cafeeira.

Mapa 2 – Regiões geográficas do estado de Minas Gerais



Fonte: IBGE (2017)

Segundo Carvalho (2014), a estrutura rural do município de Luisburgo, assim como a organização rural da região, apresenta uma divisão peculiar, baseada em propriedades de determinadas famílias, denominadas ‘córregos’. O ‘córrego’ é estruturado por ‘grupos rurais de vizinhança’ que na área paulista corresponde à definição tradicional de ‘bairro’ explicitada por Cândido (1982):

Este [bairro] é a estrutura fundamental da sociabilidade caipira, consistindo no agrupamento de algumas ou muitas famílias, mais ou menos vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades lúdico-religiosas. As habitações podem estar próximas uma das outras, sugerindo por vezes um esboço de povoamento ralo; e podem estar de tal modo afastadas que o observador muitas vezes não discerne, nas casas isoladas que topa a certos intervalos, a unidade que as congrega. (CÂNDIDO, 1982, p. 62)

Em Luisburgo, diferentes moradores residem nos córregos. Quanto à ocupação da terra, estão distribuídos nos seguintes tipos: 1) moradores que são proprietários de grandes porções de terras; 2) moradores que tem pequenas propriedades e nela moram com sua família (incluindo filhos casados e netos; 3) moradores que são lavradores e moram em terras cedidas

pelos fazendeiros para ‘tocar’ o serviço ‘a meia’ ou ‘a terça’, ou que recebem salário fixo ou pagamento mediante serviços prestados. No presente estudo, pesquisaram-se os pequenos proprietários, relativamente estáveis. De acordo com Cândido (1982, p. 81), na camada intermediária “se localizam as suas manifestações mais típicas, visto que a superior tende com o tempo a se desligar dela, acompanhando a evolução dos núcleos urbanos; e a inferior nem sempre possui condições de estabilidade”.

Cândido (1982, p. 83) assinala que o “isolamento” rural deve ser entendido em referência ao “grupo de vizinhança” e não ao indivíduo ou à família apenas. Para o autor, os contatos intergrupais dificilmente significam oportunidade de experiências novas: “por toda parte, as mesmas práticas festivas, a mesma literatura oral, os mesmos processos agrícolas, o mesmo equipamento agrícola”. O autor conclui que “semelhante homogeneidade favorece o isolamento cultural e a estabilização das formas sociais”.

Ao descrever o cotidiano rural, Cândido (1982, p. 68) cita como exemplo de solidariedade da sociedade caipira o *mutirão* que “consiste essencialmente na reunião de vizinhos, convocados por um deles” para realizar algum trabalho em que o morador beneficiado oferece festa ou alimento no encerramento da atividade. O *mutirão* é descrito pelo morador rural de Luisburgo, como se pode observar no excerto a seguir:

naque’ tempo num... ninguém é... a fazia a casa assim de tijolo... era tudo imbarriada... incrusiveess’ ai é imbarriada ... mas o... juntaro... **mutirão** de gente aqui pa ... pra imbarriá a casa ... aquilo era um / um muca’ de gente ... massano barro lá no / no terrero... os zoto fazia aqueapaviola de pau carregano... e o / e os zoto ia imbarriano... que nũ é do... no meu tempo... igual’ eutôfalano... mas que foi ùa das maió festa... tinha gente... mas né em quantidade grande... muito trem de cumê e quandocabaro de imbarriá a casa / foro armuçá... armuçá não... que es já tinha merendado... **adispois que acabô tudo teve ùa / ùa mesa de / cum muita carne... muita quitanda... tudo qu’era / era trem de / de / qu’era troço da pessoa cumê... intãofizeroaque’ banquete** (entrevista realizada com morador de 71 anos de idade, casado, não escolarizado, natural da comunidade)

Conforme já explicitado, o município de Luisburgotem na agricultura cafeeira (cultura de ciclo longo) a maior fonte de renda, fator que contribui para a permanência desses moradores na zona rural. Cândido (1982, p. 45), citando Saint-Hilaire (1938), acentua que “a reforma do sistema da agricultura, com o uso do arado e dos adubos, fixaria o homem na terra, suprimindo a necessidade de buscar chão sempre novo”. De acordo com um morador rural de Luisburgo, a comunidade começa a melhorar com o início do plantio de café, incentivado pelo ‘governo’:

(...) mas a gente iguale a gente disse quando a gente saiu de lá pra baxo aí já as coisa já cumeçô a melhorá aí já cumeçôparecêesses **café essas pranta do governo...** cumeçô / aí a turma cumeçô a trabalhá e prantá esses café cumeçô né... graças a Deus ah por'ái a pessoa ficá mais controlado cumeçô a fazêuas casinha melhó... (entrevista realizada com morador de 75 anos de idade, casado, não escolarizado, natural da comunidade)

Nesse sentido, o uso de novas tecnologias em Luisburgo pelo manuseio de pequenos equipamentos e pela utilização de novas técnicas de plantio de café contribui para a estabilidade da cafeicultura familiar. São eles, o cafeicultor e seus parentes diretos, que realizam a maior parte das operações de manejo da lavoura, ou seja, “não têm empregados contratados e não dependem de mão de obra eventual para a maioria dos trabalhos executados” (RUFINO *et al.* 2010, p.30).

4. *Corpus e metodologia*

O *corpus* que oferece a base empírica a este estudo é constituído de 12 amostras de fala das seguintes comunidades rurais de Luisburgo: Córrego Boa Esperança, Córrego Gameleira, Córrego Pedra Dourada, Córrego Lage e Córrego Fortaleza. Esses dados foram coletados durante minha pesquisa de mestrado (CARVALHO, 2014)⁸⁴, cujo objetivo era analisar a ordem dos adjetivos adnominais nos dados rurais mineiros.

As entrevistas foram realizadas com falantes com idade igual ou superior a setenta anos; de ambos os sexos, nascidos e com permanência na localidade rural pesquisada; analfabetos ou com baixo grau de escolaridade e pertencentes à mesma rede social. Já a metodologia utilizada para a transcrição seguiu os critérios propostos pelo projeto *Pelas trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais*⁸⁵.

Quadro 1 – Perfil do Informante

Informante	Córrego	Idade	Sexo	Escolaridade	Naturalidade

⁸⁴ CARVALHO, S. D. *A mudança da ordem do adjetivo em relação ao nome nos dados rurais de Luisburgo-MG*. 2014. 263 f. Dissertação de Mestrado em Letras (Faculdade de Letras da UFMG). Belo Horizonte: UFMG, 2014.

⁸⁵ Projeto apoiado pela FAPEMIG, coordenado pela Prof^a Dr^a Maria Antonieta Amarante Mendonça Cohen.

01	Boa Esperança	71	M	Analfabeto	Natural da comunidade
02	Pedra Dourada	82	F	Analfabeto	Natural da comunidade
03	Boa Esperança	78	F	Analfabeto	Natural da comunidade
04	Boa Esperança	84	F	Analfabeto	Natural da comunidade
05	Gameleira	81	M	2º primário	Natural da comunidade
06	Gameleira	76	F	Analfabeto	Natural da comunidade
07	Lage	97	F	Analfabeto	Natural da comunidade
08	Boa Esperança	75	M	Analfabeto	Natural da comunidade
09	Boa Esperança	70	F	1º primário	Natural da comunidade
10	Fortaleza	78	F	Analfabeto	Natural da comunidade
11	Pedra Dourada	80	M	Analfabeto	Natural da comunidade
12	Pedra Dourada	75	F	4º primário	Natural da comunidade

Fonte: Carvalho, 2014.

Esses moradores rurais integram uma rede densa e multiplex, conforme os trabalhos de L. Milroy (1987), J. Milroy (1992). A rede é densa porque as pessoas conhecem umas às outras e multiplex porque as pessoas interagem em vários campos de atividade. Esses informantes estão localizados no polo mais rural, apresentando uma fala bem típica da região,

predominantemente rural, considerando-se o modelo de ‘*continuum* de urbanização’, descrito por Bortoni-Ricardo (2004).

Após leitura atenta dos dados, foram selecionadas as palavras que se referem à realidade cultural e social da produção cafeeira e confeccionadas fichas lexicográficas, contendo 41 lexias. Para observar a dicionarização dessas lexias, foram consultadas as seguintes obras lexicográficas: o dicionário contemporâneo *Aulete Digital (online)*, o *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha (2010) e o *Glossário de termos técnicos utilizados na cafeicultura* de Chalfoun (2008).

Seguindo a proposta de Haenschel *al.* (1982), as lexias foram organizadas segundo o método onomasiológico (do conceito ao nome) e semasiológico (do nome ao conceito). O quadro geral de classificação seguiu o critério onomasiológico, ou seja, as lexias foram ordenadas de acordo com as associações entre os conteúdos, as coisas e a língua. Conforme expõe Biderman (1981), na Onomasiologia, as lexias são agrupadas em redes semânticas afins, compostas da integração estruturada de vários campos léxicos. Já o glossário, em que as lexias foram dispostas em ordem alfabética, foi organizado pelo critério semasiológico. Nos dizeres de Seabra (2004), esses dois critérios distintos e complementares consistem em uma boa metodologia para a análise do léxico.

5. *Fichas lexicográficas*

Para sistematização dos dados coletados, foram elaboradas as fichas lexicográficas de cada lexia, constando (i) a classificação gramatical, de acordo com o contexto de registro; (ii) a amostra contextualizada da lexia dos dados rurais; (iii) dados referentes à dicionarização e, quando possível, à origem do vocábulo; (iv) seleção das lexias em ordem alfabética, que subsidiou a organização do glossário. A seguir, tem-se um exemplo da ficha lexicográfica da lexia “adubo~adube”.

1. ADUBO ~ ADUBE [sm.] 5 ocorrências

• vai chega terra ... vai pro / ali roda ... nũdexá vim mato ... de / põe **adube** pra mo' depodê saí ... esses café tudo aqui ... que tá pr' aqui acima tudo ... cê / depois eu vô leváo cê ... quando saí ali o' ... tudo meu marido que prantô e dexô (Inf. 2, linhas 437 a 439)

• coloca o ... põe um muca' de terra meia ela de terra e põe o **adube** no mei' da terra e depois caba de / de enchê ela de terra né enche até ficá em cima naque' tupetim ... aí quando vai prantá muda de café redaaquea / põe aque' buraquim certo e vai certimquais' que no **adube** que já põis lá no mei' né ... aí coloca a muda de café ali e a raíze dele já pega no **adube** ... aí ea / ea forma de repente ... cum dois ano ea tá começano a dá café (Inf. 3, linhas 794 a 799)

• judei ... judeiprantá ... judeitratá muito tempo ... panhamo café muito tempo ... depois o **adubo** pegô a ficá muito caro dimais ... (Inf. 7, linhas 1792 e 1793)

Registro em dicionário: Aulete Digital: Adubo sm. 1. Agr. Matéria orgânica ou química que se mistura à terra para fertilizá-la; fertilizante; 2. Fig. Aquilo que concorre para o desenvolvimento de algo: O ciúme é o adubo do amor.; 3. Tempero usado para dar um sabor especial ao alimento.; 4. Ant. Tudo que se emprega para enfeite ou conservação de alguma coisa.; [F.: Dev. de adubar. Hom./Par.: adubo (sm.), adubo (fl. de adubar).]

Registro em glossário: Chalfoun (2008, p. 23): Adubo: adubo ou fertilizante refere-se a qualquer nutriente adicionado ao solo para aumentar as produções, ou seja, repor o que a planta extrai ou adicionar aqueles que não estão disponíveis para as plantas.

Origem: Cunha (2010, p.14): Adubar vb. 'preparar, arrumar, adornar, guisar' XIII. Do a. fr. adober 'armar cavaleiro', deriv. do lat. *addubare e, este, do francês *dubban. 'golpear, bater' [...]

6. O glossário

Este glossário, composto por 41 lexias, integra o repertório lexical dos moradores rurais de Luisburgo. Essas lexias são apresentadas, primeiramente, no quadro geral de classificação, de acordo com o critério onomasiológico, em seguida, pelo critério semasiológico que se refere ao

glossário propriamente dito. Conforme Seabra (2004, p. 34), os critérios onomasiológico e semasiológico se complementam constituindo uma metodologia adequada para o estudo do léxico. As informações do glossário estão disponibilizadas de acordo com as informações presentes nas fichas lexicográficas, contendo os seguintes itens: •LEXIA(em negrito e caixa alta)•Registro em dicionário Aurélio • Estrutura Morfológica • Origem•Definição• Abonação (em itálico). O item dicionarização recebeu a seguinte indicação: (A) dicionarizado no Aurélio e (n/e) não encontrado. As abreviaturas usadas neste glossário são: adj. adjetivo; sm. substantivo masculino; sf. substantivo feminino; v. verbo; inf. informante, lat. latim; ár. árabe; cast. castelhano; fr. francês.

6.1. Quadro geral de classificação

O Quadro 2, a seguir, apresenta as lexias agrupadas pelas relações existentes entre os grupos de palavras, unidas por rede semântica, com base no critério onomasiológico. Conforme Biderman (1981, p. 139), “uma rede semântica é composta da integração estruturada de vários campos léxicos. Um campo léxico integra uma rede semântica juntamente com muitos outros campos léxicos.”

Quadro 2 – Rede semântica e campo léxico do café

Campos léxicos		Itens que os compõem.
a)	Unidade de medida	alquere
b)	Partes da planta	café ~ cafezim; gaia ~ gainha
c)	Qualidade	torradim
d)	Fertilizante	adube ~ adubo
e)	Utensílio /armazenamento	chalera
f)	Ação/ preparo	coa(r)
g)	Equipamento	secado(r) ~ secadozim; panhadera; roçadeira
h)	Material agrícola	pano; sacolinha

i)	Ação	plantio/colheita: aprepara(r) ~ prepara(r); forma(r); vaporiza(r); coie(r) ~ cole(r); arriçar ~ riçar; junta(r); lava(r); capina(r); rua(r); roda(r)
j)	Fenômeno natural	giada
k)	Alimentação	merenda ~ merendinha; café ~ cafezim
l)	Investimento	crédito; meia ~ meiazinha
m)	Ocupação	cumpanheiro
n)	Produção agrícola	coieta; safra; panha
o)	Técnica de plantio	cova ~ covona; vala; carrera
p)	Cultivo	plantio ~ prantio ~ prantílio; roça; lavora ~ larorinha; café ~ cafezim
q)	Impureza	pedra
r)	Local	terreno ~ terrenim; terrero; tuia

6.2. *Oglossário da cafeicultura*

Neste glossário, as lexias apresentadas estão acrescidas de informações lexicográficas, estrutura gramatical, definições e abonações, seguindo o critério semasiológico.

ADUBO ~ ADUBE • (A) • sm. • lat. • Fertilizante. • *coloca o ... põe um muca' de terra meia ela de terra e põe o adube no mei' da terra e depois caba de / de enchê ela de terra né* (Inf. 3, linhas 794 e 795).

ALQUERE • (A) • sm. • ár. • Medida de área agrária. • *intão aqui morava um casal de velho aqui ... que a área d'es tudo aqui é acho que treze alquere... fui comprano um pedacim de um ... um pedacim de oto comprei a área toda né* (Inf. 11, linhas 2868 a 2870)

APREPARA(R) ~ PREPARA(R) • (A) • v. • lat. • Deixar o solo em condições favoráveis para o plantio • *quando nóis chegamos pra'qui já havia alguêi que já tinha feito esse prantio novo de lavora de café ... aí*

nóischegamo e apreparamo a terra e começamo o memo plantio do café (Inf. 5, linhas 1346 e 1347)

ARRIÇAR ~ RIÇAR • (A) • v. • lat. • Derriçar, puxar os frutos do galho de cima para baixo. • *ũa vez tava tirano foia de café que a gente arriçava o café e juntava e depois tirava com a mão né ... inquanto eu levei a mão assim ... a aranha vei' e pegô aqui o'* (Inf. 6, linhas 1532 a 1534)

CAFÉ ~ CAFEZIM • (A) • sm. • ár. • Fruto do cafeeiro. • *aqui mesmo poco prazo eu tava panhano café levei uia ferruada de bicho que nóisnũ vimo o que que é foi pricisoeu pará no hospital* • (Inf. 9, linhas 2358 a 2360). • Plantação de café. • *ele memo que cumerçô a prantá ... agora esse cafezim que tá dano ali é o minino o rapaiz que mora cumigo que é meu fio que é meu caçula* (Inf. 7, linhas 1842 e 1843). • Bebida feita do fruto de café, depois de torrado e moído. • *intão ê vem aqui todo dia de manhã cedo vem bebê café* (Inf. 2, linha 310)

Foto 1 – Galhas de Café Maduro



Fonte: Foto do acervo pessoal

CAPINA(R) • (A) • v. • tupi • Retirar o mato com o auxílio da enxada. • *eu a minha irmã abaxo de mim e a minha mãe nóistrabaiva na roça igual home ... capinavapanhava café* (Inf. 9, linhas 2344 a 2345)

CARRERA • (A) • sf. • lat. • Plantio em linha. • *era diferente da nossa hoj'im dia ... era prantado se fazia uias vala muito grande no mei' e prantava uia carrerapara cima ota pra baxo... e era muito mais difici'* (Inf. 8, linhas 2186 a 2188)

Foto 2 – Lavoura com plantio em linha



Fonte: Foto do acervo pessoal

CHALERA • (A) • sf. • lat. • Utensílio metálico onde se armazena a bebida. • *eu passava o café punha na chalera ... punha a chalera den'düavasia com água ... sua mãe deve de tá preocupada já ... den'düavasia com água pra mim i' na casa da minha mãe pra quando os cumpañero largasse do sirviço chegasse em casa o café tava quente na / na chalera* (Inf. 12, linhas 3500 a 3503)

COA(R) • (A) • v. • lat. • Verter água quente sobre o pó-de-café torrado e moído para preparar a bebida. • *Vortava pra cuzinha e o rapaiz tá lá ... e eu injuava de esperácuava café levava ... e o véi' na sala* (Inf. 6, linhas 1451 e 1452)

COIETA • (A) • sf. • lat. • Safra. • *eu tinha toda liberdade com na casa dela ... eu já morava lá e antes d'ê separá de mim né ... quando ele viu que a primeracoieta que nós feiz* • (Inf. 10, linhas 2639 e 2640)

COIE(R) ~ COLE(R) • (A) • v. • lat. • Apanhar os frutos, recolher. • *eu gosto muito de panhá café ... esse ano passado nóscoieu o cafezim ... ùa muitinha de café que nós tem ali ... nóspanhamo ele todo* (Inf. 7, linhas 1839 a 1841)

COVA ~ COVONA • (A) • sf. • lat. • Pequena abertura feita na terra, preparada e adubada, para receber as mudas. • *eu sabia ... prantava e muito bem memo ... tinh' que fazêaqueacovona ... tinh' saquinha pra gente furá o' ... botá a raizinha do café pra baxo assim pra mo'depégá ... pegava tudo ... nossos café que nós prantava ... é desse jeito* (Inf. 2, linhas 434 a 436)

CRÉDITO • (A) • sm. • lat. • Confiabilidade • *toda vida tive bom créditotamẽ ... todo lugá que ocêneguciacê é caprichoso naquilo intão sempre cê cresce daquil'ali né* (Inf. 11, linhas 3055 e 3056) • Quantia obtida em empréstimo a prazo. • *muito bõo ... é o tale negoço do / do crédito que a gente às vez sempre faiz né ... étecnané* (Inf. 11, linhas 3019 e 3020)

CUMPANHEIRO • (A) • sm. • lat. • Trabalhador rural. • *ái eu quando quiria saí pra i' na casa da minha mãe na par'da tarde ... quando os cumpanherotrabiadô da roça chegá de tarde achá o café quente... eu passava o café punha na chalera* (Inf. 12, linhas 3498 a 3500)

FORMA(R) • (A) • v. • lat. • Produzir. • *ái coloca a muda de café ali e a raíze dele já pega no adube ... aí ea / eaforma de • repente ... cum dois anoea tá começano a dá café* (Inf. 3, linhas 797 a 799)

GAIA ~ GAINHA • (A) • sf. • lat. • Galho, ramo da árvore. • *mininaeas tem ... essasmáquina de panhá café eas tem cinco dedo ... mesma coisa assim aí es vai e começa na gainha dos / que tem os café né e vêm riçano pra baxo assim* • (Inf. 3, linhas 855 a 857)

GIADA • (A) • sf. • lat. • Orvalho congelado que forma uma fina camada branca e recobre as superfícies. • *até fala verdade assim ... a maioria da / das pessoas nem cunhece o que é a tal giada ... olha ... quando o dia crariava ... essas bera de terrero em vorta aqui ocêoiava aquilo ... tava igual que tivesse samiado um fubá ... em cima do cisco ... de tanta giada no mei' daqueaciscaiaada ... e ocê vai carculano ... e eu discarço ... no meio daqueagiada... quando o dia crariava ... eu acho que pudiacortáni mim que nũ saía sangue não ... tava / a tava com o sangue tudo taiado ... de tanta giada* (Inf. 1, linhas 81 a 83)

JUNTA(R) • (A) • v. • lat. • Recolher os frutos derriçados. • *não porque às vez a gente tava trabaianojuntano café vez ... a gente juntava foia com cobra e tudo ... quando chegava no lugá da gente batê a foia e tirá que a gente via eas*(Inf. 10, linhas 2677 a 2679)

LAVA(R) • (A) • v. • lat. • Passaro fruto colhido por um processo de lavagem para eliminar as impurezas, tais como pedras e frutos secos. • *era muito trabalho ... que jogava tudo no chão panhava tudo quanto era pedra né ... fazia aques montão de café que tava sequim tinha que jogá é tudo na água lavá né pas pedra separá ... aí tinha que tornásecá de novo ... era difícil* (Inf. 9, linhas 2483 a 2485)

LAVORA ~ LAVORINHA • (A) • sf. • lat. • Cafezal. • *meu filho toca lavora e nũ ... na época ano passado meu filho / o mais vêi tá*

com / tá com vinte ano eu acho ... es dois panharo café todim • (Inf. 10, linhas 2682 a 2684). • Plantação. • limpamo ùa área ... prantamo ùa lavora de café (Inf. 5, linhas 1212 e 1213)

MEIA ~ MEIAZINHA • (A) • sf. • lat. • Meação, parceria agrícola. • *divagazimnóis foi trabaiano ... nóistoquemomeia com o pai do Mané Knupp lá em baixo ... nove ano* • (Inf. 1, linhas 448 e 449)

MERENDA ~ MERENDINHA • (A) • sf. • cast. • Refeição intermediária entre o almoço e o jantar. • *eu ia pa roça capinava o dia todo dexava os minim cum ela né ... só cumidaqu'eu fazia né ... fazia armoço levava ... levava café ... às vez levava um inhame o quarqué ùa merendinha fraca pa gente passá o dia o resto do dia lá ... quand'era de tarde qu'eu vinha pafazêcumêfazê janta* (Inf. 10, 2582 a 2585)

MUDA ~ MUDINHA • (A) • sf. • lat. • Planta em fase inicial cultivada em sacolinha no viveiro. • *quando vai prantámuda de café re-daaquea / põe aque' buraquim certo e vai certimquais'que no adube que já pôis lá no mei' né* (Inf. 3, linhas 796 a 797)

PANHA • (A) • sf. • cast. • Colheita. • *época de panha de café eu trabaiva pra ela paganháas coisinhapajudá* (Inf. 10, linha 2638)

PANHADERA • (A) • sf. • cast. • Máquina agrícola para derriçar o café, derriçadeira. • *essas máquina de panhá café eas tem cinco dedo ... mesma coisa assim ((abre os dedos das mãos e mostra)) aí es vai e começa na gainha dos / que tem os café né e vêm riçano pra baxo [...] que se fô em lavorinha nova pra entrá nela de panhadera assim ... deve de caí muita folha né* • (Inf. 3, linhas 855 a 864)

Foto 3 – Derriçadeira (Apanhadera)



Fonte: Foto do acervo pessoal

PANO • (A) • sm. • lat. • Utensílio de polipropileno utilizado na colheita para evitar o contato do fruto com o solo. • *antigamente assim tornava a vortá o cisco né ... a gente limpa jogava o café no chão depois vorta o cisco nos pé do café traveiz ... e agora es já forra é um pano né ... panha o café tudo limpim* (Inf. 9, linhas 2447 a 2449)

Foto 4 – Pano de colheita



Fonte: Foto do acervo pessoal

PEDRA• (A) • sm. • lat. • Pequeno pedaço de matéria rochosa ou torrão. • *era muito trabalho ... que jogava tudo no chão panhava tudo quanto era pedra né ... fazia aques montão de café que tava sequim tinha que jogá ê tudo na água lavá né pedrasepará ... aí tinha que tornásecá de novo ... era difícil* • (Inf. 9, linhas 2483 a 2485)

PLANTIO ~ PRANTIO ~ PRANTÍLIO • (A) • sm. • lat. • Transferência das mudas para o local definitivo. • *foi um prantio de café que cumeçô de setenta-e-cinco pra cá ...setenta-e-cinco setenta-e-seis ... o nosso memo já foi prantado em setenta-e-sete ... quando nóischegamo-pra'qui já havia alguẽ que já tinha feito esse prantionovo de lavora de café* (Inf. 5, 1345 a 1346)

ROÇA • (A) • sf. • lat. • Plantação. • *é trabalhava ... prantava roçanaques cantão de Dorada lá ... é muito difícil ... muito difícil mesmo* • (Inf. 5, linhas 1353 e 1354). • Zona rural. • *porcas'que aqui na roça é igual na rua mesmo na cidade... que na cidade ninguém passeia né ... na casa um do oto ...intão aqui na roça é quais' mema coisa* (Inf. 3, linhas 867 a 869)

ROÇADERA • (A) • sf. • lat. • Máquina agrícola utilizada para cortar o mato. • *deve tê uns dois ano ... uns três ano prá cá qu'espegô cum essas máquina assim ... é máquina é roçadera ... quais' ninguém / quais' ninguém tem sirviço pra inxada mais nã*(Inf. 3, linhas 849 a 851)

RODA(R) (A) • v. • lat. • Movimentar o café no terreiro para secar, espalhando-o com o rodo. • *põe lá pro terrero na hora que ê cumeçá a rodá bem cê leva pro secadô pra compretá né ... intão é a hora que pricisa mais terrero ... mais tem um secadozimpiqueno* • (Inf. 11, linhas 2921 a 2923)

RUA(R) • (A) • v. • lat. > fr. • Limpar ao redor dos pés de café. • *capinava panhava café eu mais a minha irmã abaxo de mim nós quebrava milho e ficava imprastadinha de picão e o meu pai mais o meu irmão ruano café atrás sabe ... nós fazia tudo quanto é tipo de serviço [...]... e nem tá usanoruá agora es fala não* • (Inf. 9, linhas 2345 a 2480)

SACOLINHA • (A) • sf. • lat. • Recipiente utilizado para a produção de mudas. • *consegui / e conseguirancá muda de café as mudinhapiquininhadibaxo dos pé de café e reprantá aquilo a sacolinhapapodêprantápapodêfazêpa vê se podêprosperá ... muito difici' mesmo* (Inf. 8, linhas 2163 a 2165)

SAFRA • (A) • sf. • obscura • Colheita. • *no caso de têsafra grande intão sê tem que tamã de terrero tamêi pro cê i'* • (Inf. 11, linha 2921)

SECADO(R) ~ SECADOZIM • (A) • sm. • lat. • Máquina agrícola utilizada para a secagem dos frutos, após o período de pré- secagem no terreiro. • *abri esse terrero mais um mucado... tem um secadozim aí mai' é piqueno i' ... põe lá pro terrero na hora que ê cumeçá a rodá bem cê leva pro secadô pra compretá né ... intão é a hora que pricisa mais terrero ... mais tem um secadozimpiqueno* (Inf. 11, linhas 2920 a 2993)

TERRENO~ TERRENIM • (A) • sm. • lat. • Propriedade rural. • *dali eu mudei cá pra baxo do meu / aonde que a gente morava Cabicera da Dorada eu mudei cá mais pra baxo terreno do meu sogro* (Inf. 8, linhas 1939 a 1941)

TERRERO • (A) • sm. • lat. • Espaço de terra plano para secagem do café. • *eu cuidava do café no terrero ... judava panhá café ... carrega ... pô no terrero... mexê o café no terrero ... lavá café ... isso eu já sabia fazê quando nósvei' pra'qui* (Inf. 6, linhas 1543 e 1544)

TORRADIM • (A) • adj. • lat. • Café submetido ao processo de aquecimento dos grãos, torra. • *minha mãe que insinô eu a custurá ... fazia camisa pro meus irm / po meu irm / meus irmão ... qu'es era três em casa ... fazia ropacunsertavaropa ... fazia cumê bem feitim ... insinôtorrá café bem torradim* (Inf. 2, linhas 375 a 377)

TUIA • (A) • sf. • controvertida • Cômmodo construído no terreiro onde se guarda os grãos. • *moramonûatuia num lugá muito apertado ... jugava a cama dos maió no chão e de manhã inrolava aquilo e guardava né ... e quando foi no dia que eu ganhei o meu fio que é o Oseias a gente ficô num quartim num cômmodo só assim da tuia e o otro lado era a cozinha* (Inf. 9, linhas 2301 a 2304)

Foto 5 – Tulha ~ tuia



Fonte: Foto do acervo pessoal

VALA • (A) • sf. • lat. • Cova extensa para plantio em linha. • *era diferente da nossa hoj'im dia ... era prantado se fazia ûasvala muito grande no mei' e prantava ûa carrera para cima ota pra baxo... e era muito mais difici'* (Inf. 8, linhas 2186 a 2188)

VAPORIZAR • (A) • v. • lat. • Borrifar caldas líquidas na folhagem, pulverizar. • *intão a gente né ... nessa semana mesmo eu pensei'ssim "eu vô vaporizámeu cafezim" qu'eu tem uns cafezimtamêi né ... tem muitos anos qu'eunû pegava nûa bomba ... aí consiguiepe/enché ûa bomba d'água de vinte litro e cumeei a vaporizá o café ... mas eu sinti que aquilo nû feiz bem pra mim não* • (Inf. 8, linhas 2012 a 2015)

7. Considerações finais

Este estudo teve como objetivo confeccionar um glossário de lexias da cafeicultura que fazem do repertório linguístico dos moradores rurais do município mineiro de Luisburgo. Esses falantes integram uma rede densa e multiplex, uma vez que são pessoas que se conhecem mutuamente e têm algum grau de relacionamento ou parentesco. São falantes ‘nascidos e criados’ na região e possuem um sentimento arraigado à vida no campo, devido à convivência com amigos e familiares, às práticas agrícolas de auxílio mútuo e às atividades lúdico-religiosas.

Por fim, o estudo do léxico permite evidenciar particularidades dessa localidade, revelando seus aspectos culturais e sociais. Desse modo, a análise do léxico é capaz de mostrar a identidade dessa comunidade que vê no café a principal fonte de renda e o patrimônio cultural da região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBADE, C. M. S. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. In: ANAIS DO XV CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA. *Cadernos do CNLF*, v. XV, n. 5, T. 2. Rio de Janeiro: Cifefil, 2011, p. 1332.

AULETE DIGITAL. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br>>. Acesso em: 18 jun.18.

BARBOSA, M. A. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, I. M. (Org.). *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. 2 ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001.

BIDERMAN, M.T.C. *Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BIDERMAN, M.T.C. A Estrutura Mental do Léxico. In: *Estudos de Filologia e Linguística*. São Paulo: EDUSP, 1981.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

CÂNDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito: um estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 6. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1982.

CHALFOUN, S. M. *Glossário de termos técnicos utilizados na cafeicultura*. Lavras: EPAMIG-CTSM, 2008.

CORDEIRO, M. J. *Estudo linguístico no Vale do Jequitinhonha: o léxico de Minas Novas*. 2013. 291 f. Dissertação de Mestrado em Letras (Faculdade de Letras da UFMG). Belo Horizonte: UFMG, 2013.

COSTA, R. P. *Estudo linguístico no litoral maranhense: léxico e cultura dos pescadores do município de Raposa*. 2012. 277 f. Dissertação de Mestrado em Letras (Faculdade de Letras da UFMG). Belo Horizonte: UFMG, 2012.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

DIÉGUES JR., M. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1960.

DURANTI, A. *Antropología Lingüística*. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

FREITAS, C. J. *Café com quebra torto: um estudo lexicocultural da Serra do Cipo-MG*. 2012. 302 f. Dissertação de Mestrado em Letras (Faculdade de Letras da UFMG). Belo Horizonte: UFMG, 2012.

HAENSCH, G. Tipología de las obras lexicográficas e Aspectos prácticos de la elaboración de diccionarios. In: ETTINGER, S. et al. *La lexicografía. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) ftp://geoftp.ibge.gov.br/organizacao_do_territorio/divisao_regional/divisao_regional_do_brasil/divisao_regional_do_brasil_em_regioes_geograficas_2017/mapas/31_regioes_geograficas_minas_gerais.pdf. Acesso em: 17 dez. 2017.

MILROY, J. *Linguistic variation and change*. Oxford: Basil Blackwell, 1992.

MILROY, L. *Language and social network*. 2nd ed. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

RIBEIRO, G. A. *O vocabulário rural de Passos-MG: um estudo linguístico nos Sertões do Jacuhy*. 2010. 256 f. Dissertação de Mestrado em Letras (Universidade Federal de Minas Gerais). Belo Horizonte: UFMG, 2010.

RUFINO et al. Introdução e metodologia de estudo. In: VILELA, P. S.; RUFINO, J. L. S. (Coord.). *Caracterização da Cafeicultura de Montanha de Minas Gerais*. Belo Horizonte: INAES, 2010.

SAINT-HILAIRE, A. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. v. 2, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

SEABRA, M.C.T.C. Língua, Cultura, Léxico. In: SOBRAL, Gilberto Nazareno Telles; LOPES, Norma da Silva; RAMOS, Jânia Martins. *Linguagem, Sociedade e Discurso*. São Paulo: Blucher, 2015.

SEABRA, M.C.T.C. ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais: variante regional do ATB. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (Org.). *Múltiplas perspectivas em linguística*. Uberlândia/MG: EDUFU, 2006, v. 1, p. 1945-1952.

SEABRA, M.C.T.C. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo*. 2004.368 f. Tese de Doutorado em Linguística (Universidade Federal de Minas Gerais). Belo Horizonte: UFMG, 2004.

SOUZA, V.L. *Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*. 2008. 248 f. Dissertação de Mestrado em Letras (Universidade Federal de Minas Gerais). Belo Horizonte: UFMG, 2008.